

VITALIDADE URBANA: A GASTRONOMIA COMO PRÁTICA PARA RESSIGNIFICAÇÃO DE ESPAÇOS DE USO COMUM

URBAN VITALITY: GASTRONOMY AS A PRACTICE FOR RESIGNIFICATION OF COMMON USE SPACES

Majurie Zavascki¹
Cláudia Maté²

RESUMO

A vitalidade urbana é essencial para o desenvolvimento econômico, social e sustentável das cidades. Promover a interação social diante da atual configuração das cidades, moldada ao longo do processo de urbanização, requer mudanças. O objetivo geral deste artigo é investigar os fenômenos relacionados à vitalidade urbana, sua importância para a construção de sociedades mais inclusivas e seguras, bem como estudar a gastronomia como prática para ressignificação de espaços de uso comum. Os resultados foram obtidos através de fundamentação teórica, estudo de boas práticas pautadas em experiências empíricas à luz de diversos autores e análise morfológica da área central do município de Caçador para investigação da ocorrência da vitalidade urbana, tal qual ela acontece. Constata-se que atividades predominantemente comerciais geram um tipo de vitalidade peculiar e necessária, mas, a combinação de estratégias e ambientes que valorizem o bem-estar dos munícipes tem potencial para atrair usuários dispostos a permanecer no local, promovendo a vitalidade urbana desejada e o desenvolvimento das cidades.

Palavras-chave: vitalidade, urbanização, segurança, comida, coronavírus.

¹ Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe - Uniarp.

² Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Santa Catarina (2013), Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PósARQ/UFSC (2016), Doutorado em andamento no PósARQ/UFSC. Professora e coordenadora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe - Uniarp.

ABSTRACT

Urban vitality is essential for the economic, social and sustainable development of the cities. Promoting social interaction in the face of the current configuration of the cities, shaped throughout the urbanization process, requires changes. The general objective of this article is to investigate the phenomena related to urban vitality, its importance for the construction of more inclusive and safer societies, as well as the study of gastronomy as a practice for the re-signification of common use spaces. The results were obtained through theoretical foundations, study of good practices based on empirical experiences in the light of several authors and morphological analysis of the central area of the municipality of Caçador to investigate the occurrence of urban vitality, as it happens. It appears that predominantly commercial activities generate a peculiar and necessary type of vitality, but the combination of strategies and environments that value the well-being of citizens has the potential to attract users willing to stay in the place, promoting the desired urban vitality and the development of the cities.

Keywords: vitality, urbanization, safety, food, coronavirus.

INTRODUÇÃO

O processo de urbanização ao longo do tempo moldou a configuração das cidades. Como resultado, a maioria dos centros urbanos tornou-se canais de circulação, com vias que priorizam os carros e atividades comerciais (CHAVES, 2020). Desta forma, há um esvaziamento dessas áreas quando as atividades diárias cessam. “Nota-se que em cidades pequenas, principalmente cidades do interior, o lazer noturno como forma de socialização é escasso. Depois do horário comercial as ruas ficam praticamente vazias” (GAMA, 2018, p. 1). A vitalidade urbana é importante agente para a promoção da segurança pública, bem como para o desenvolvimento das cidades. Uma cidade que não prioriza a interação social e a promoção da vida pública pode estar retardando seu desenvolvimento econômico, social e humano (CHAVES, 2020).

Conexões entre edifícios e calçadas voltadas ao lazer geram movimento próximo à rua e, portanto, contribuem para a sensação de segurança do local (SABOYA, 2010). Nesse sentido, argumenta-se que a comida pode ser um elemento muito relevante, fazendo essa ponte entre as pessoas e os centros urbanos, para que haja uma reconexão

do espaço público por parte da população (BARRETO, 2017; GIRARDI, 2018).

Tornar o centro da cidade de Caçador, Santa Catarina, mais atrativo e seguro é tão importante, quanto desafiador. As atuais circunstâncias, relacionadas à pandemia do coronavírus, dificultam ainda mais a promoção de interações sociais. O setor gastronômico foi diretamente afetado, as opções de lazer diminuíram e o público está mais introspectivo.

Diante de tal problemática, as seguintes questões precisam ser investigadas: como a gastronomia, aliada a espaços públicos de qualidade, contribui para centros urbanos mais vivos, atrativos e, conseqüentemente, mais seguros? Como fazer da comida um agente vitalizador para a área central do município de Caçador, fomentando a gastronomia local e motivando o público a querer desfrutar de espaços assim, depois da crise do coronavírus?

O objetivo geral deste artigo é investigar os fenômenos relacionados à vitalidade urbana, sua importância para a construção de sociedades mais inclusivas e seguras; e estudar a gastronomia como prática para ressignificação de espaços de uso comum. Os objetivos específicos são: analisar o potencial da comida e, neste mesmo contexto, examinar o valor adicional que espaços públicos e áreas verdes ganharam como agentes capazes de promover a interação social; e, investigar os elementos da configuração espacial da área central do município de Caçador, Santa Catarina, relacionados à prática da vitalidade urbana.

OS FENÔMENOS RELACIONADOS À VITALIDADE URBANA: GASTRONOMIA E ÁREAS VERDES CONECTANDO ESPAÇOS PÚBLICOS E PRIVADOS DE USO COLETIVO

“A qualidade de vida urbana está diretamente relacionada com o desenvolvimento das interações sociais” (ALI; JESUS; RAMOS, 2020, p. 67). Jane Jacobs, em seu livro *Morte e Vida nas Grandes Cidades*, de 1961, acertadamente já falava da prevenção à violência urbana a partir da diversidade de usos e funções, evidenciando a importância da relação entre as edificações e o espaço público em geral (JACOBS, 2011). Desse modo, é possível garantir a vigilância natural, através da movimentação de pedestres, o famoso conceito da autora dos *olhos da rua*, no qual pessoas involuntariamente acabam

exercendo o papel de vigiar a segurança urbana (ALI; JESUS; RAMOS, 2020).

O conceito de Jacobs (que sugere algumas condições específicas para a promoção da vitalidade urbana - diversidade de usos, quadras curtas, edificações de diferentes idades e alta densidade), permanece atual apesar da passagem do tempo. Já naquela época, a autora via “o avanço do modernismo crescer junto com a decadência da cidade” (SALLES, 2020, n.p).

A presença de pessoas no espaço da cidade forma uma rede de confiança pública (CHAVES, 2020). Ruas e calçadas podem ser comparadas a órgãos vitais. “Se parecem interessantes, a cidade parecerá interessante. Se as ruas são seguras, a cidade estará livre da violência e do medo” (PALACIOS; SILVA NETO, 2012, n.p).

Santana e Ragazzi (2019) trazem uma interessante reflexão sobre a questão da vitalidade de um lugar, comparando à própria vitalidade humana e fazendo um paralelo com a morfologia local e a impressão que ela causa ao público, ou seja, o quanto ela realmente é atrativa.

[...] a vitalidade pode ser entendida como uma condição do espaço público, com características específicas (e que são alvo dessa investigação) as quais permitem atrair e manter em sua área, de usuários distintos (faixa etária, gênero, condição social, estado civil, escolaridade etc.), em variados horários e dias, realizando as mais diversas atividades (SANTANA; RAGAZZI, 2019, p. 2-3).

A maioria dos centros urbanos teve sua origem e foi tradicionalmente impulsionado pelas atividades comerciais e de serviço.

A atividade comercial viabiliza a existência das cidades, justifica sua organização e explica muito do movimento e vitalidade cotidiana. O centro comercial, que abriga essas funções, atua como espaço onde as pessoas realizam seus desejos, satisfazem suas necessidades e onde se relacionam socialmente (RAMALHO; SILVA; ROCHA, 2016, p. 5).

Por outro lado, há um impasse relacionado à limitação imposta em áreas predominantemente comerciais. Sobre o centro da cidade de São Paulo, por exemplo, Cedroni, Faisal e Rueda (2020, n.p) comentam seu estado de falência “por falta da convivência humana,

porque o centro, tecnicamente falando, foi usado para se trabalhar e à noite se esvaziava [...] perdia vida, alma e segurança”.

Dado o exposto, muitas cidades passam pelo processo de revitalização urbana, dando um novo sentido de uso as suas áreas centrais (TABARIN, 2020; TOZZI, 2017). Segundo Gaspar *et al.* (2017, p. 185), a revitalização urbana é capaz de promover “vínculos entre territórios, atividades e pessoas e, por conseguinte, influencia na melhoria da qualidade do ambiente urbano e nas condições socioeconômicas”.

Para tal é preciso criatividade (GIRARDI, 2018). O termo *cidades criativas* é algo que já vem sendo discutido desde o final dos anos 1990, com o crescente processo de globalização, com destaque para “novas formas de interação entre as pessoas, de modo que estas encontrem as mais inovadoras soluções pensando em onde e como elas mesmas vivem, melhorando seu próprio espaço urbano” (GOMEZ; WARKEN; RODRIGUES, 2017, p. 89).

O tema foi destaque também na Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO), que estabeleceu uma rede que conecta Cidades Criativas pelo mundo com o intuito de repensar o urbano de forma sustentável e compartilhar experiências de âmbito cultural (GOMEZ; WARKEN; RODRIGUES, 2017; GIRARDI, 2018). A iniciativa abrange, atualmente, 246 cidades em mais de 80 países, que podem se enquadrar em diferentes categorias criativas e culturais, entre elas, a Gastronomia (UNESCO, 2022). Tida como estratégia de boas práticas para o desenvolvimento urbano, a gastronomia é vista como uma ciência multidisciplinar e, a nível humano, remete à nossa identidade (UFSC, 2017).

Comer faz parte da nossa evolução e está presente como uma necessidade comum a todas as pessoas, independente das demais pluralidades envolvidas, pois é inerente ao ser humano (OLIVEIRA, 2020; SANTOS, 2018). As refeições conjuntas estabelecem e estreitam relações desde o início da história humana (GIMENES-MINASSE, 2017; OLIVEIRA, 2020). São excelentes oportunidades para trocar ideias, descontrair depois de um dia exaustivo de trabalho e fortalecer os vínculos afetivos, propiciando melhor qualidade de vida (BORGES; COELHO; PEIXOTO, 2022; MOREIRA, 2010).

Um cenário composto de pessoas e gastronomia resulta em locais de permanência, de vida acontecendo e não apenas de passagem, favorecendo a urbanidade, inclusive no período noturno, algo a se considerar, tendo em vista que áreas centrais historicamente privilegiam as atividades comerciais (IANNICELLI; MONTEIRO, 2020;

ROCHA, 2017).

Sabe-se, porém, que combinações isoladas não implicam em cidades mais vivas e seguras. O urbanismo contemporâneo exige estratégias multidisciplinares (LIMA; NERBAS; SILVA, 2020; SÁ; SILVA, 2018).

Sobre estratégias para o desenvolvimento urbano, Carvalho e Pacheco (2019) trazem um estudo feito por pesquisadores em algumas cidades italianas, que testaram empiricamente as condições estabelecidas por Jacobs (2011) para vitalidade urbana: diversidade do uso do solo, edifícios de diferentes idades, tamanho das quadras e densidade populacional.

O resultado deste esforço demonstrou que no contexto italiano, variáveis como o uso da terra ou mistura de edifícios em diferentes idades, não influi tanto na atividade dos pedestres. Por outro lado, a diversidade de pessoas encontrada em áreas com concentração de escritórios (ou seja, frequentada não só por moradores) contribui significativamente, além de ruas pequenas (e possivelmente estreitas) e a presença de lugares públicos como bares e cafés que possam ser acessados a pé (CARVALHO; PACHECO, 2019, p. 4).

No Brasil, um estudo realizado em três grandes cidades catarinenses, Joinville, Blumenau e Florianópolis, Saboya *et al.* (2021) testa a eficácia das preposições de Jane Jacobs a fim de evitar a violência urbana. Como resultado desta análise, os autores atestam “que as áreas mais centrais e as mais periféricas possuem as maiores taxas de ocorrências criminais, assim como aquelas com maiores porcentagens de usos não residenciais”, e ainda que “a alta densidade populacional apresentou-se associada a maior segurança, e o tamanho médio de quadras não apareceu como fator relevante nos três conjuntos urbanos” (SABOYA *et al.*, 2021, p. 243).

Tais constatações indicam que não há receita pronta para um urbanismo ideal. Porém, fica evidente que a presença de pessoas sempre está associada a maior segurança (SABOYA *et al.*, 2021). As estratégias precisam ser pensadas “em função dos ‘fazedores’ da cidade, do reconhecimento social que recebem, das variadas escalas em que atuam, das múltiplas redes que os articulam” (CARVALHO; PACHECO, 2019, p. 14).

Com o advento da pandemia do coronavírus, parques, praças, amplos espaços públicos e áreas verdes ganharam ainda mais destaque e importância (NECA; RECHIA, 2020). E, passada a fase

crítica da doença, a nova realidade nos faz refletir sobre “fortalecer a sustentabilidade urbana e a qualidade de vida das pessoas em todo o planeta” (FRANCO; MAGLIO; XIMENES, 2020, p. 1).

A relevância de espaços verdes e a capacidade destes em atrair pessoas e proporcionar bem-estar podem ser claramente percebidas quando projetos e boas práticas relacionadas a alternativas arquitetônicas inteligentes são aplicados no âmbito urbano, contribuindo para desenvolvimento social, econômico e sustentável (LIMA; NERBAS; SILVA, 2020).

O *Ocupa Rua*, projeto desenvolvido pelo escritório Metro Arquitetos, pela empresária Janaína Rueda e pelo paisagista Marcelo Faisal, com apoio da Prefeitura Municipal da cidade de São Paulo, é uma iniciativa digna de atenção. Através deste projeto, inicialmente 30 bares e restaurantes ganharam canteiros de plantas, mesas e cadeiras em ruas do centro de São Paulo. "Além de aumentar a capacidade de atendimento dos estabelecimentos o espaço urbano se torna mais vivo, dinâmico e seguro" (CORULLON; CEDRONI, 2019, p. 2).

O objetivo do *Ocupa Rua* era fomentar o setor gastronômico por conta da pandemia. Mas, ao atrair o público para a rua acabou trazendo segurança à área, que futuramente pode transformar-se num centro de turismo e gastronomia, fazendo com que as pessoas sejam atraídas e desfrutem socialmente daquele espaço (CEDRONI; FAISAL; RUEDA, 2020).

A pandemia do coronavírus ressaltou a importância de áreas verdes e espaços públicos urbanos para além da “qualidade ambiental urbana das cidades, tendo como um dos principais elementos de preocupação a saúde das pessoas” (FRANCO; MAGLIO; XIMENES, 2020, p. 1). O exemplo de boas práticas do projeto *Ocupa Rua*, reforça este argumento, já que é possível notar a influência que o paisagismo, aliado a gastronomia, exerceu neste caso (CORULLON; CEDRONI, 2019; CEDRONI; FAISAL; RUEDA, 2020). Deste modo, argumenta-se que a vitalidade urbana aliada à gastronomia, aos espaços de uso coletivo e às áreas verdes, pode ser um caminho eficaz ao urbanismo que prioriza o desenvolvimento humano e sustentável das cidades.

METODOLOGIA

Em um primeiro momento este artigo analisa, através de pesquisa bibliográfica, a importância de cidades mais inclusivas para o urbanismo contemporâneo e o potencial da comida no papel de agente para a vitalidade urbana, “como prática capaz de estruturar processos

de ressignificação de espaços públicos urbanos de uso comum” (BARRETO, 2017, p. 7). Considerando um exemplo de boas práticas, é feita uma abordagem dos impactos sofridos pelo setor gastronômico com a pandemia do coronavírus e avalia-se como a gastronomia, aliada à espaços públicos e privados de uso coletivo a áreas verdes, contribuiu para a sociabilidade, trazendo a sensação de segurança, ao mesmo tempo em que fomenta o setor econômico (BINI; CARAVAGGI, 2021).

Na etapa subsequente, aborda-se uma discussão sobre vitalidade urbana com foco na configuração local, relacionados à copresença dos usuários na área mais central do município de Caçador, Santa Catarina, em diferentes dias e horários. Os resultados foram obtidos através de análise morfológica, com visitas *in loco*, observação sistematizada por meio de registros fotográficos e consultas em mapas e imagens de satélite obtidas com o software Google Earth (os dados foram coletados durante os meses de abril e maio de 2022). Os registros fotográficos foram realizados em diferentes dias da semana do mês de maio de 2022 (18 de maio, quarta-feira e 22 de maio, domingo), e em diferentes períodos do dia (à tarde, às 16h, e à noite, às 20h, em ambos os dias).

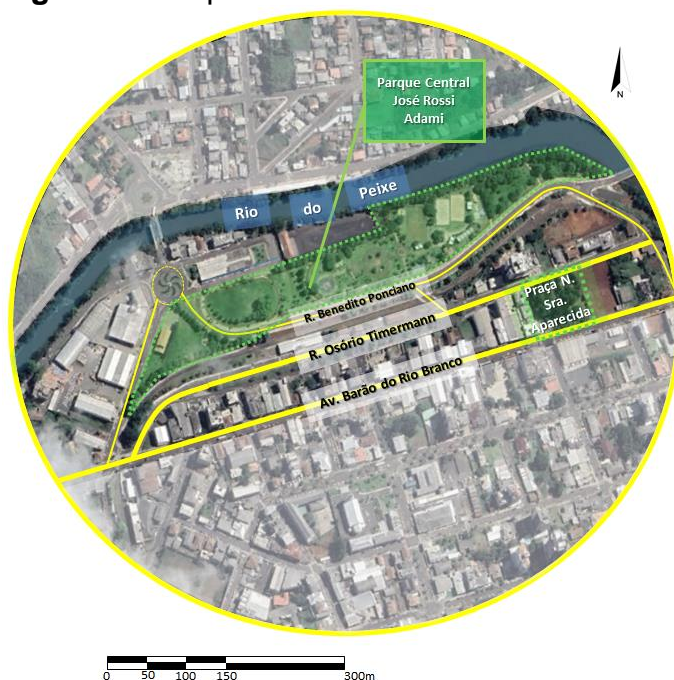
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para análise da vitalidade urbana da área escolhida como objeto empírico deste artigo, primeiramente levou-se em conta alguns fatores relacionados ao desenvolvimento histórico, cultural e regional do município de Caçador que moldaram a configuração espacial urbana da cidade no que tange aos aspectos paisagísticos, morfológicos e funcionais.

O município de Caçador teve sua origem após a Guerra do Contestado, impulsionada pela construção da estrada-de-ferro SPRS (que ligava São Paulo ao Rio Grande do Sul) e pela chegada dos imigrantes italianos. Hoje, é a maior cidade do meio-oeste catarinense e um importante polo econômico e industrial (SEBRAE, 2018). A cidade se desenvolveu a partir do Rio do Peixe e da Ferrovia SPRS. Atualmente, esses elementos, que por muito tempo foram tidos apenas como limitadores espaciais, estão reintegrando-se à paisagem urbana e resgatando seu valor junto à população através do Parque Linear, projeto desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Caçador desde o ano de 2018 (CAÇADOR, 2017).

As obras do Parque Linear acompanham os trilhos do trem e conectam toda a cidade. Áreas verdes, espaços públicos de lazer e mobilidade estão sendo criados neste entorno, que inclui a área central já consolidada, preservando o rio e a história, e promovendo o bem-estar (CAÇADOR, 2017). Esse aspecto corrobora com o objeto de investigação deste artigo que diz respeito promoção da interação social na área central do município de Caçador. A área de estudo, que inclui as ruas: Benedito Ponciano, Osório Timerman e a Av. Barão do Rio Branco, mescla parques, praças, espaços de uso comum, assim como uma grande densidade de edificações de uso comercial junto a Av. Barão do Rio Branco. A seguir, a Figura 1 traz o mapa com a imagem da área em análise.

Figura 1 – Mapa da área em análise



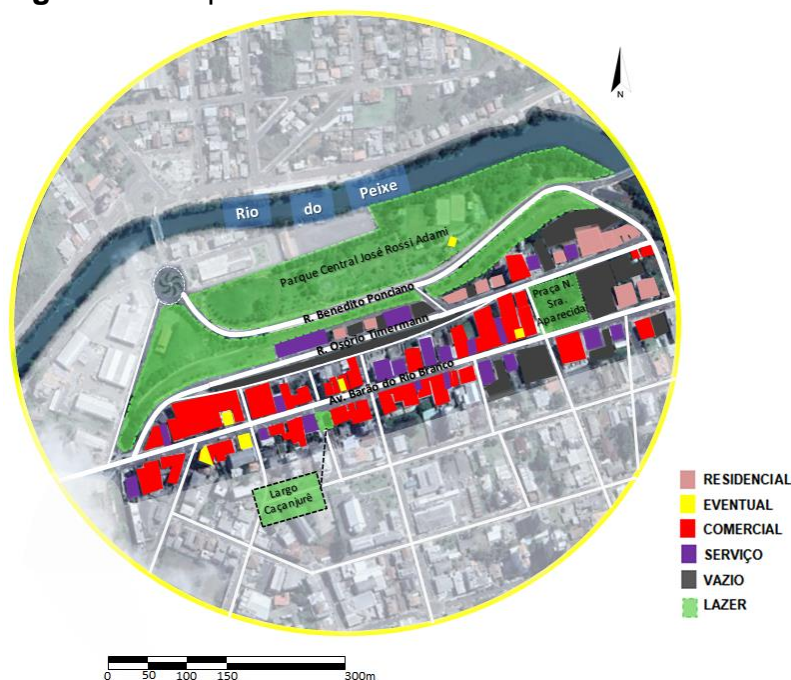
Fonte: A autora (2022).

Através desta análise, pautada em aspectos de valoração definidos pelos autores Santana e Ragazzi (2019), busca-se constatar o comportamento relacionado à vitalidade urbana em diferentes cenários, dias e horários. Para os autores, o conceito sobre vitalidade urbana precisa ser discutido “ao menos sob dois aspectos: (1) como uma ação, ou seja, o ato de animar, de dar vida; (2) como um estado, significando a intensidade da vida social e de suas manifestações” (SANTANA; RAGAZZI, 2019, p. 3).

Entendendo-se que os aspectos relacionados à morfologia urbana podem ter influência na utilização do lugar, a análise leva em conta as seguintes modalidades: a) uso do solo; b) arborização e elementos sentáveis; c) copresença e diversidade de uso em diferentes turnos do dia (SANTANA; RAGAZZI, 2019).

a) uso do solo: optou-se por trabalhar com uma análise do uso do solo que refletisse a copresença relacionada à maneira como os usuários visitam a área. Desse modo, os usos ficaram nomeados da seguinte forma: residencial (apenas para edificações de uso exclusivo); comercial; serviço (bancos, farmácias, escritórios, entre outros); eventual (bares, cafés, restaurantes, padarias e afins); lazer (parques, praças), além do uso vazio (para edificações sem uso, estacionamentos, terrenos baldios, etc.). A Figura 2 traz o mapa esquemático destacando o exercício das atividades.

Figura 2 – Mapa/Uso do Solo



Fonte: A autora (2022).

Realizado o levantamento de dados na área de análise, os resultados obtidos foram: as atividades de lazer estão em maior número (40,79%), seguidas pelo uso comercial (24,37%), depois o uso chamado de vazio (14,42%), as atividades de serviço (10,94%), residencial (6,46%) e, por último, o uso eventual (2,98%). Fato importante a ser destacado, é que as estatísticas foram calculadas com

base no espaço físico ocupado por cada uma das atividades, mediante a área total. Trata-se de uma área onde 40% do espaço está ocupado pelo Parque Central, considerado neste caso como atividade de lazer.

Outro fator que merece atenção é que em uma área central, com grande movimentação de pessoas e ainda em meio ao maior espaço público de uso comum do município, atividades eventuais (que incluem restaurantes, bares, cafés e afins), diretamente relacionadas à copresença e permanência de pessoas, são justamente as menos presentes nas estatísticas.

b) Arborização e elementos sentáveis: esta análise se dá pela visita *in loco* e registros fotográficos. Observou-se que, no trecho em análise, praticamente não há arborização ou paisagismo. Quanto à presença de elementos sentáveis, há apenas o banco do ponto de ônibus na parte baixa da avenida e alguns outros no Largo Caçanjurê, estes em mau estado de conservação. A Figura 3 traz registros de elementos sentáveis existentes na extensão da Av. Barão do Rio Branco e na Praça Nossa Sra. Aparecida, juntamente com alguma arborização na calçada.

Figura 3 – Elementos sentáveis e arborização nas vias, largo e praça.

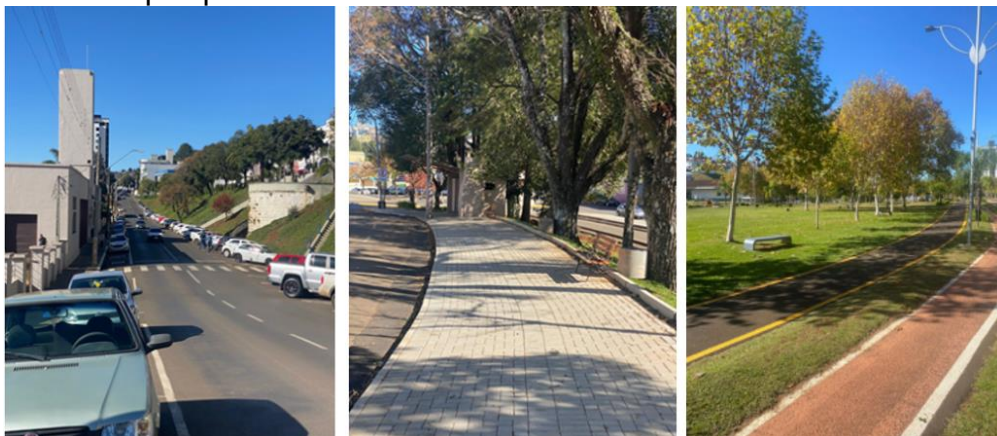


Fonte: A autora (2022).

Na rua Osório Timermann também há pouca arborização nas calçadas e apenas elementos sentáveis junto ao ponto de ônibus e próximo ao ponto de táxi; boa parte da via pode ser entendida como área de estacionamento. Quanto à Rua Benedito Ponciano, que circunda o Parque Central José Rossi Adami, as calçadas neste caso dispensam a presença de arborização, pois estão às margens do

parque com ampla área verde. Os elementos sentáveis também estão presentes em grande número em meio ao parque, conforme Figura 4.

Figura 4 – Registro das vias Osório Timermann e Benedito Ponciano/parque.



Fonte: A autora (2022).

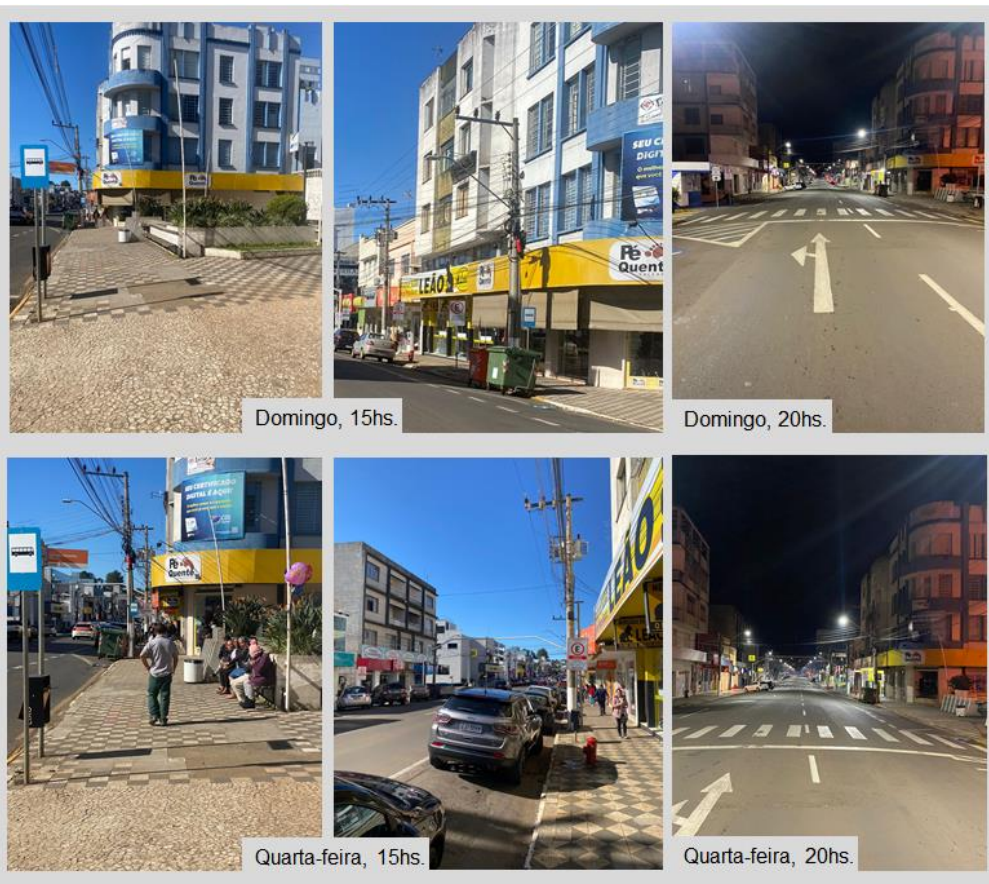
c) Copresença e diversidade do uso em diferentes turnos do dia: esta etapa consiste em observações sistemáticas da copresença e comportamento dos usuários na Av. Barão do Rio Branco, na Rua Osório Timermann, bem como no Parque Central José Rossi Adami. Os registros fotográficos foram realizados em diferentes dias da semana (18 maio 2022, quarta-feira e 22 maio 2022, domingo), e também em diferentes períodos do dia, durante a tarde e à noite.

A Figura 5 mostra as perspectivas quanto à vitalidade presente nos respectivos dias e horários, a partir da Av. Barão do Rio Branco. Na análise de uso do solo ficou clara a relação da avenida com as atividades comerciais e de serviço, o que se reflete nas imagens onde a avenida mostra-se praticamente vazia na tarde de domingo, diferentemente do que acontece na quarta-feira. Já durante a noite, a via permanece deserta em ambos os dias da semana, o que remete novamente ao seu uso.

Na Figura 6, referente à análise da Rua Osório Timermann, é possível observar o comportamento da via ao longo dos respectivos dias e horários. O mesmo comportamento relatado anteriormente ocorre também na Rua Osório Timermann. A diferença é que esta via é usada como ligação entre o parque central e a Av. Barão do Rio Branco e serve, basicamente, de estacionamento aos automóveis dos usuários, por isso quase não há presença de pedestres na área,

apenas de veículos. A noite não há presença de pessoas ou veículos, independente do dia da semana.

Figura 5 – Av. Barão do Rio Branco - copresença e diversidade de uso.



Fonte: A autora (2022).

Figura 6 – Rua Osório Timermann - copresença e diversidade de uso.



Fonte: A autora (2022).

A última etapa, cujos registros estão apresentados na Figura 7, refere-se à investigação da copresença e diversidade de uso no parque central José Rossi Adami e suas imediações.

Figura 7 – Parque Central José Rossi Adami/Copresença e Diversidade de uso.



Fonte: A autora (2022).

Com relação à área ocupada pelo parque central, nas imediações da Rua Benedito Ponciano, percebe-se alguma apropriação do espaço por parte dos usuários durante a quarta-feira, mas, uma presença consideravelmente maior no domingo. Isso reflete o que costuma acontecer com o parque durante a semana e aos finais de semana, quando as pessoas, em seu dia de folga, procuram a área para desfrutar o sol e a natureza a disposição, praticando atividades físicas e de lazer. À noite, o cenário se repete com pouco ou nenhum movimento. A análise morfológica do local demonstra certa vitalidade relacionada às características específicas de cada via, as quais ora atraem os usuários que estão ali de passagem e por necessidade, ora os mantêm desfrutando do espaço público e da interação social em variados horários e dias.

A intensificação de atividades eventuais, tão raras em ambas as vias, poderia trazer a vitalidade urbana desejada à área central em análise, no que tange a permanência dos usuários e sua copresença também no período noturno. Atividades como estas têm potencial de atrair usuários distintos, em diferentes períodos, promovendo a interação social e a sensação de segurança. Outro aspecto interessante é que, apesar da proximidade das vias, cada uma apresenta características específicas, importantes e necessárias para o seu uso e que colaboram entre si. Falta conexão entre elas, que poderia ser alcançada através do exercício dessas atividades eventuais, ligando comércio e serviço de um lado, ao lazer, do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vitalidade urbana mostra-se essencial para a segurança e o desenvolvimento econômico, social e sustentável das cidades. Essa vitalidade tem relação com a animação em função das relações sociais que acontecem em um lugar, condição relacionada não só aos aspectos funcionais e morfológicos do ambiente, mas também a percepção que os próprios usuários têm dele. Embora atividades comerciais e de serviço sejam fenômenos capazes de gerar vitalidade, peculiar ao seu uso, a prática de atividades do tipo eventual, ligadas à gastronomia, e de lazer, que incluam espaços verdes de uso comum, revelam-se excelentes alternativas para a vitalidade ideal, promovendo o bem-estar das pessoas. Este último se mostrou ainda mais significativo atualmente frente a pandemia do coronavírus que intensificou os desafios para a promoção da vida social.

A análise morfológica da área central do município de Caçador apontou alguns pontos positivos que aspectos comerciais da área trazem para a vitalidade do lugar. Por outro lado, há deficiências relacionadas ao desenvolvimento de atividades eventuais, as quais poderiam promover a animação do local em diferentes horários, quando não há funcionamento do comércio, por exemplo. Tais atividades, associadas à comida e aos espaços verdes, atraem a copresença de permanência e não apenas o estar de passagem, promovendo a vitalidade urbana desejada, com áreas centrais mais inclusivas, agradáveis e seguras.

Compreende-se que a promoção da vitalidade das cidades em aspectos sociais, econômicos e sustentáveis exige uma combinação de estratégias, técnicas e ambientes colaborativos que valorizem os usuários como os principais fazedores das cidades.

REFERÊNCIAS

ALI, P. C.; JESUS, L. A. N.; RAMOS, L. L. A. Espaços livres de uso público no contexto da segurança urbana. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, n. 3, v. 20, p. 67-86, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-86212020000300418>. Acesso em: 29 abr. 2022.

BARRETO, I. M. R. L. **Comida do rio, comida da rua: processos sociais de apropriação do espaço urbano carioca pela gastronomia**. 2017. Artigo Científico (Trabalho de Conclusão de Curso em Tecnólogo em Hotelaria) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/4899>. Acesso em: 29 abr. 2022.

BINI, T.; CARAVAGGI, D. **O que mudou e como o setor gastronômico enfrenta os quase dois anos de pandemia**. CNN Brasil - Viagem e gastronomia. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://viagemegastronomia.cnnbrasil.com.br/noticias/o-que-mudou-e-como-o-setor-gastronomico-enfrenta-os-quase-dois-anos-de-pandemia/>. Acesso em: 21 mar. 2022.

BORGES, W. L.; PEIXOTO, H. G. E.; COELHO, L. F. S. Alimentação afetiva no cuidado em saúde mental: um relato de experiência. **Health Residencies Journal - HRJ**, [s. l.], n.15, v. 3, p. 490-505, 2022. Disponível em: <https://escsresidencias.emnuvens.com.br/hrj/article/view/281>. Acesso em: 25 maio 2022.

CAÇADOR. **Parque Linear: A transformação da cidade de Caçador**. Prefeitura Municipal de Caçador, 2017. Disponível em: <https://www.cacador.sc.gov.br/noticias/ver/2018/03/video-parque-linear-a-transformacao-da-cidade-de-cacador>. Acesso em: 25 maio 2022.

CARVALHO, T.; PACHECO, F.. Cidade, modos de ver e de fazer vitalidade urbana no dia a dia. **Revista de Morfologia Urbana**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 1-15, 2019. Disponível em: <https://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/article/view/62>. Acesso em: 19 abr. 2022.

CEDRONI, G.; FAISAL, M.; RUEDA, J. **Projeto Ocupa Rua: Casa Vogue Experience 2020**. [Entrevista concedida a] Marianne Wenzel. Casa Vogue Brasil. Dezembro, 2020, 37min.10seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pbCulkTG0To&t=3s>. Acesso em: 09 jun. 2022.

CHAVES, M. L. C. **As posturas municipais e a vitalidade urbana.** 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/35265>. Acesso em: 19 abr. 2022.

CORULLON, M.; CEDRONI, G. **Ocupa Rua 2021.** Metro Arquitetos. São Paulo, SP, 2019. Disponível em: <https://metroarquitetos.com.br/projeto/ocupa-rua-2021/>. Acesso em: 24 fev. 2022.

FRANCO, M. A. R.; MAGLIO, I. C.; XIMENES, D. S. S. A infraestrutura verde nos espaços públicos como elemento de resiliência socioambiental pós-pandemia. **Labor e Engenho**, Campinas, SP, v.14, p.1-16, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/labore/article/view/8660779>. Acesso em: 19 abr. 2022.

GAMA, B. C. **Importância do lazer noturno nas cidades de pequeno porte.** 2018. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Ciências Gerenciais (FACIG), Manhuaçu, MG, 2018. Disponível em: <http://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/repositoriotcc/article/view/696>. Acesso em: 21 mar. 2022.

GASPAR, J. V. *et al.* A revitalização de espaços urbanos: o case do centro sapiens em Florianópolis. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, [s. l.], n. 4, v. 2, p. 183-205, 2017. Disponível em: <http://www.relise.eco.br/index.php/relise/article/view/104>. Acesso em: 24 fev. 2022.

GIMENES-MINASSE, M. H. S. G. Novas configurações do comer junto – reflexões sobre a comensalidade contemporânea na cidade de São Paulo (Brasil). **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 2, v. 25, 2017. Disponível em: https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/esa25-2_03_novas_configuracoes. Acesso em: 20 maio 2022.

GIRARDI, Q. **A gastronomia como estratégia para o desenvolvimento na cidade criativa:** os casos de Parma e Florianópolis. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnólogo em Gastronomia) - Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC),

Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/handle/123456789/998>. Acesso em: 29 abr. 2022.

GOMEZ, L. S. R.; WARKEN, D. D.; RODRIGUES, R. B. Centro Sapiens: economia criativa aplicada no centro histórico leste de Florianópolis. **E-Revista LOGO**, [s. l.], n. 2, v.6, 2017. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/eRevistaLOGO/article/view/4905>. Acesso em: 29 abr. 2022.

IANNICELLI, A. C. P.; MONTEIRO, C. A cidade noturna: análise de condicionantes socioespaciais nas atividades noturnas em bairros residenciais do Recife. *In*: Seminário Internacional de Investigação em Urbanismo - SIIU, n. 12, 2020, São Paulo-Lisboa. **Anais [...]**. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2020, n.p. Disponível em: <https://upcommons.upc.edu/handle/2117/336511>. Acesso em: 25 maio 2022.

JACOBS, J. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 3 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. Livro Eletrônico. Disponível em: <https://docplayer.com.br/43069456-Morte-e-vida-de-grandes-cidades.html>. Acesso em: 21 mar. 2022.

LIMA, M.; NERBAS, P.; SILVA, V. Caminhabilidade e infraestrutura verde: estratégia de requalificação de centros urbanos consolidados. *In*: Encontro nacional de tecnologia do ambiente construído, n. 18, 2020, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: ANTAC, 2020, n.p. Disponível em: <https://eventos.antac.org.br/index.php/entac/article/view/975>. Acesso em: 29 abr. 2022.

MOREIRA, S. A. Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos. **Ciência e Cultura**, São Paulo, n. 4, v. 62, p. 23-26, 2010. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000400009. Acesso em: 29 abr. 2022.

NECA, B. R.; RECHIA, S. Ficar em casa ou ocupar os espaços de lazer ao ar livre? Reflexões e possibilidades para uma apropriação segura dos diferentes espaços públicos de lazer em tempos de pandemia. **Licere - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, [s. l.], n. 4, v. 23, p. 471–509, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/26703>. Acesso em: 25 maio 2022.

OLIVEIRA, A. R. de. Comida e aspectos simbólicos na perspectiva de políticas públicas para o cumprimento do Direito Humano à Alimentação Adequada e Saudável. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, SP, v. 27, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/8658090>. Acesso em: 25 maio 2022.

RAMALHO, T. C. S. S.; SILVA, N. V. C.; ROCHA, S. F. Centralidade e vitalidade urbana no centro histórico de cidades de médio porte. *In: Urbicentros*, n. 5, 2016, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2016, p. 1-14. Disponível em: <https://www.academia.edu/41777166/>. Acesso em: 08 jun. 2022.

ROCHA, M. C. S. **Quando a cidade convida**: lições de urbanidade e configuração em assentamentos limitados. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31332>. Acesso em: 21 mar. 2022.

SÁ, D.; SILVA, M. V. G. O papel da multidisciplinaridade nos estudos urbanos: a compreensão do fenômeno urbano sob novas perspectivas. **Revista Políticas Públicas e Cidades**, Curitiba, n.1, v. 6, p. 77–91, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Djalma-Sa/publication/326501869>. Acesso em: 25 maio 2022.

SABOYA, R. T. **Segurança nas cidades**: Jane Jacobs e os olhos da rua. *Urbanidades*. 2010. Disponível em: <https://urbanidades.arq.br/2010/02/10/seguranca-nas-cidades-jane-jacobs-e-os-olhos-da-rua/>. Acesso em: 08 jun. 2022.

SABOYA, R. T. *et al.* As condições para a diversidade urbana de Jacobs: um teste em três cidades brasileiras. **Eure**, Santiago, n. 140, v. 47, p. 243-267, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7764/eure.47.140.12>. Acesso em: 12 maio 2022.

SANTANA, T. C. S.; RAGAZZI, G. C. Vitalidade urbana nos espaços públicos: um estudo na cidade do Porto, Portugal. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n. 43, v. 30, p. 1-18, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/159243/155262>. Acesso em: 01 maio 2022.

SALLES, R. **Jane Jacobs**: quem foi e porque ela é a urbanista mais influente do mundo. Chicken or Pasta. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://chickenorpasta.com.br/2020/jane-jacobs-quem-foi-e-porque-ela-e-a-urbanista-mais-influente-do-mundo>. Acesso em: 21 mar. 2022.

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas. **Cadernos de Desenvolvimento de Santa Catarina – Caçador**. Florianópolis: SEBRAE, 2019. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/municipios/sc/m/Cacador-CadernosdeDesenvolvimento.pdf>. Acesso em: 12 maio 2022.

SILVA NETO, E.; PALACIOS, M. Vitalidade Urbana em Jane Jacobs. *In: Urbicentros - Morte e Vida dos Centros Urbanos*, n. 3, 2012, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Editora UFPB, 2012, n.p. Disponível em: https://www.academia.edu/4368442/Vitalidade_Urbana_em_Jane_Jacobs. Acesso em: 21 mar. 2022.

TABARIN, C. S. Desenvolvimento urbano sustentável na agenda internacional. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, n. 1, v. 10, p. 1-16, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/geografia/article/view/18083>. Acesso em: 08 jun. 2022.

TOZZI, R. H. B. B. Olhando pela janela: a paisagem urbana equilibrada como indicador de qualidade de vida. **Revista Brasileira de Direito Urbanístico | RBDU**, Belo Horizonte, n. 4, v. 3, p. 241-56, 2017. Disponível em: <http://biblioteca.ibdu.org.br/index.php/direitourbanistico/article/view/541>. Acesso em: 25 maio 2022.

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. **Fundador do movimento Slow Food ministra palestra sobre gastronomia e consumo consciente**. Florianópolis, SC, 2017. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2017/11/fundador-do-movimento-slow-food-ministra-palestra-sobre-gastronomia-e-consumo-consciente/>. Acesso em: 29 abr. 2022.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. **Cidades criativas mobilizadas contra a COVID-19**. Unesco. Brasília, 2022. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/cultureresponse>. Acesso em: 21 mar. 2022.